# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ....... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 225

21 DE MARÇO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

## CHRONICA OCCIDENTAL

O beneficio da actriz Carolina Falco, que costuma ser sempre uma festa distincta, mercê do nome illustre da actriz, e das sympathias que o seu bello talento tem em Lisboa, foi este anno uma festa excepcionalmente brilhante, brilhante excepcionalmente para a actriz e para a litteratura portugueza.

Para a actriz, porque n'essa noite o seu triumpho foi coroado por um triumpho mais agradavel ainda — o do seu filho, porque tinha alli em jogo ao mesmo tempo o amor proprio de comediante, e o proprio amor de mãe, porque poude juntar essas duas alegrias, essas duas glorias n'uma só, e vir pela mão de seu filho receber ao palco, os applausos com que o publico victoriava a ambos.

Para a litteratura portugueza, porque essa noite assignalou-se por duas estreias auspiciosas, pelas primeiras armas triumphantes de dois escriptores de talento e de futuro.

Uma comedia em 1 acto, em verso, *Um jogo de cartas*, e um drama em 4 actos, *Aspasia*, constituiam o espectaculo d'essa noite.

*Um jogo de cartas*, a comedia de abrir é original do sr. Alves Crespo.

Ha pouco tempo ainda, n'este mesmo logar, escrevendo a respeito do pobre Alexandrino do Carmo falei de Alves Crespo.

O dramaturgo que as platéas de Lisboa estão festejando agora, foi um dos nossos collegas no nosso primeiro jornal — *A Voz Academica*.

Já n'esse tempo Alves Crespo fazia uns versos muito bonitos, que agradavam muito aos nossos raros leitores.

Poeta já elle era, o que não era ainda era medico.

Mas tratava de o ser; estudava com ardor, e depois, d'alli a annos, fomos encontral-o n'uma casa d'estudantes, ao pé da egreja de S. José, preparando-se para defender these.

N'esse tempo havia ainda o passeio publico, com as suas grades, os seus cysnes, as suas amas de leite e os seus brazileiros velhos.

Á tarde, depois de jantar, o Alves Crespo era certo alli, e dava as suas conferencias, a toda a rapasiada doente, n'um dos bancos de ao pé do lago.

Quantas vezes fomos nós ahi consultal-o. Medico de graça era uma fortuna inesperada e por isso, mal qualquer de nós dava um espirro, era certo á tarde, no passeio, a queixar-se ao Alves Crespo.

Depois o Crespo defendeu these e muito boas noites! elle ahi vae até á Ericeira á procura de doentes.

Realmente foi uma ingratidão. A sua clientela do passeio publico era enorme, não precisava saír de ao pé do lago para ter doentes ás duzias.

Mas a verdade é que os doentes ás duzias eram tambem doentes das duzias, e se o Crespo não tivesse outros freguezes estava arranjado.

Foi para a Ericeira e durante muitos annos não soubemos o que era feito d'elle.

De vez em quando, lá muito de longe em longe apparecia-nos n'um almanach, n'um jornal litterario, uma poesiasinha de Alves Crespo, mas uma poesia feita a medo, que apparecia muito escondida lá pelas columnas do jornal, como quem tem receio de ser vista.

E comprehende-se. Alves Grespo era medico e medico muito novo: se os seus clientes soubessem que elle fazia versos estava perdido, encontraria na Ericeira outro lago do passeio publico.

Mas como tinha talento medico, como estudava com vontade, como levava para casa de todos os doentes juntamente com a sua sciencia uma grande dose de solicitude e de boa vontade, começou a ser d'esses medicos que curam, a ter grande fama no sitio e nos arredores, e a possuir uma ampla e farta clientella.

E então não era já o medo de afugentar doentes que o não deixava fazer versos, era a falta de tempo.

Ora a Ericeira é uma das praias mais divertidas das proximidades de Lisboa. No outomno passado um grupo alegre de banhistas pensou em effectuar alli uma recita de curiosos

O Crespo foi logo mettido na festa, e fez a correr uma comediasinha n'um acto para esse espectaculo.

A comedia representou-se e teve um grande *successo*.

— Mande a comedia para Lisboa, disseram-lhe todos, ponha-a n'um theatro, onde tem um exito seguro.

O Alves Crespo não se mechia, não dava um passo para fazer representar em Lisboa a sua *droga*, como elle lhe chamava.

E não havia fazel-o arredar pé da Ericeira.

O Alfredo Schultz, um medico muito distincto e muito estimado em Lisboa, e que é amigo intimo de Crespo e fôra seu antigo condiscipulo, tirou-se ha pouco tempo dos seus cuidados e apanhando uma copia da comedia foi ter com a empreza do theatro de D. Maria e leu-lhe a peça do Crespo.

De lida a recebida não medeou um minuto, a comedia entrou em ensaios e na noite do beneficio da actriz Falco, o *Jogo de Cartas* era apresentado ao publico, na sua grande maioria composto de medicos, que

VISCONDE DO ARNEIRO, AUCTOR DA OPERA «DERELLITA» (Segundo uma photographia de Fillon)

queriam assistir á estreia theatral do seu estimado collega.

A comedia é tudo o que ha de mais simples e de mais gracioso: um pequeno *quiproquo* aproveitado com fino talento por um poeta de raça, desenvolvido com a habilidade consummada d'um dramaturgo distinctissimo e representado primorosam.nte por Virginia, Emilia Candida e Augusto Rosa.

O publico ouviu enlevado aquella delicada e graciosa comediasinha e no fim fez repetidas chamadas ao seu auctor, cobriu-o de applausos, consagrou o medico illustre da Ericeira auctor dramatico laureado.

A outra, a *Aspasia*, é original do sr. Augusto de Lacerda, um bello rapaz de vinte e tantos annos, filho da actriz Carolina Falco e do actor-auctor Cesar de Lacerda.

Augusto de Lacerda, apezar de muito novo, tem já a sua bagagemsita litteraria menos mal sortida; uma comedia em 1 acto, em verso, representada no theatro de D. Maria, varios artigos espalhados dos jornaes de Lisboa e ultimamente ainda um elegante volume de contos *O véo do hymineu*, moldado na fórma ligeira e aphrodisiaca dos contos do *Gil Blas*.

O seu trabalho, porém, de maior folego foi o drama *Aspasia* que apresentou no theatro de D. Maria no dia do beneficio de sua mãe.

A idéa da *Aspasia* é uma idéa atrevida e theatral.

Augusto de Lacerda tratou-a com uma habilidade muito apreciavel n'um *debutante* e que denota existir n'elle o estofo de um dramaturgo audaz.

O drama está bem urdido, as situações são bem achadas e os caracteres bem concebidos.

Onde se conhece mais visivelmente a inexperiencia do auctor é na apresentação, no desenho d'esses caracteres, geralmente muito inferior á sua concepção.

O personagem principal, por exemplo, o que dá o titulo á peça, é uma creação profundamente theatral, mas está tratado muito deficientemente, chegando mesmo a ser por vezes incomprehensivel.

O dialogo resente-se geralmente da preoccupação de fazer estylo: é brilhante algumas vezes mas outras é *bonito*, isto é, amaneirando, contrafeito guindado rhetoricameute, falso e convencional.

Dizemos francamente, rudemente, estas cousas, porque apezar d'isso ha muito que louvar na *Aspasia*, como obra de arte, abstraindo mesmo de todas as considerações relativas á inexperiencia do seu actor.

A creação do personagem do brazileiro — que teve em Antonio Pedro uma interpretação explendida — é uma bella creação comica, e a maneira como esse personagem intervem nas situações dramaticas, como a comedia e o drama se casam na peça, é perfeita e completa.

E tanto o é, que o effeito foi grande, e que o auctor tirou da união d'esses dois elementos todo o resultado que d'elles tiraria um dramaturgo habil e já conhecedor dos difficeis segredos da sua arte.

Considerada como estreia a *Aspasia* é a affirmação brilhante de um talento dramatico, é uma estreia que promette á nossa litteratura dramatica, mais um valente e notavel cultor.

O desempenho do drama de Augusto de Lacerda foi muito bom por parte de todos os artistas, e o publico applaudiu muito a peça, e o seu auctor, a quem felicitamos vivamente pelo seu bello triumpho.

No theatro de S. Carlos houve tambem um grande acontecimento artistico, a primeira representação da *Derellita*, a opera nova de Visconde do Arneiro.

A *Derellita* é uma obra de primeira ordem, largamente pensada, minuciosamente trabalhada e que não se póde apreciar superficialmente em uma ou duas audições.

O que se vê logo á primeira audição é que é o trabalho de um compositor de grande talento, e de extraordinaria sciencia musical.

Foi isto o que o publico de Lisboa comprehendeu na primeira noite em que ella se deu em S. Carlos e por isso fez ao Visconde do Arneiro uma ovação estrondosa, enthusiastica, como de direito competia a quem tanto honra o nome portuguez.

E para fechar a chronica duas noticias tristes, a da morte de dois rapazes muito estimados em Lisboa; um, um homem de lettras completo, um artista primoroso da palavra, Guimarães Fonseca; outro, um espirito muito culto, que começou pela vida litteraria, mas que a deixou em breve, por preoccupações de ordem diversa — Eduardo Vianna.

Guimarães Fonseca é dos estylistas mais brilhantes que tem escripto em lingua portugueza. Tinha o segredo do encanto da phrase, e ao mesmo tempo a idéa levantada que a faz valer.

Não fazia estylo pelo estylo; debaixo das roupagens scintillantes da sua linguagem havia alguma cousa, havia pensamentos profundos, havia vida, havia alma, havia idéas.

Como poeta era um lamartiniano, mas um lamartiniano com talento poderoso e muitos dos seus versos podem figurar entre os dos mais notaveis que poetas portuguezes teem escripto.

Como homem era um bello caracter, mettido dentro de um bohemio, d'um philosopho que tinha pelas vaidades do mundo o mais completo desdem.

Era alegre ou triste conforme as doenças que o minavam lhe permittiam. Tinha horas de um humorismo faiscante, e horas de um mau humor insupportavel.

Ha muito tempo affastado da vida alegre de Lisboa, morreu finalmente de uma doença horrorosa, o volvo, n'uma casa em Almada onde ha annos residia.

Eduardo Vianna, morreu tisico. A tisica era uma herança triste da sua familia muito considerada em Lisboa e hoje quasi totalmente desappparecida no tumulo.

Era ha pouco tempo ainda um rapaz forte, herculeo, que parecia vender saude. Mas a tisica espreitava-o, e ultimamente encontramol-o e ficámos atterrados: já não parecia o mesmo; tinha no rosto já os tons lividos da morte, estava magro, cadaverico, a fugir para a cova.

— E' uma constipação forte, disse-nos elle.

E a tal constipação matava-o d'ahi a poucas semanas. Era tambem um bello caracter, e tinha uma bella intelligencia como o prova um livro que escreveu na sua mocidade, *Memorias de um padre* e em que ha paginas de bastante valor.

Paz á alma d'esses dois bons rapazes.

*Gervasio Lobato.*

---

## O VISCONDE DO ARNEIRO

Uma familia em que o talento musical parece estar na massa do sangue, a familia Veiga. José Veiga é o maestro illustre, é a celebridade musical, que Lisboa applaude hoje na sua magnifica opera a *Derellita*.

João Veiga foi um barytono notavel, um artista distinctissimo, que a morte tão cedo roubou á gloria, Jorge Veiga é um dos mais celebrados amadores de musica que tem tido Portugal, cuja voz potente e sonora, trabalhada com primorosa arte, tem sido o encanto das mais elegantes salas da alta sociedade de Lisboa, a que a familia Veiga pertence.

José Augusto Ferreira da Veiga, visconde do Arneiro, nasceu em 22 de novembro de 1838, na cidade de Macau.

Seu pae foi o benemerito portuguez, o sr. Joaquim José Ferreira da Veiga e sua mãe uma senhora sueca, D. Joanna Ulman da Veiga.

Familia illustre e abastadissima, a familia Veiga foi sempre muito estimada e querida em Lisboa e seus filhos aparentaram-se pelo casamento com as casas mais nobres de Portugal.

José Veiga, apesar da sua grande fortuna, não se entregou ao doce *farniente* da ociosidade rica, pelo contrario, dedicou-se ao estudo com um grande amor, e aos vinte e um annos formava-se bacharel em direiro na Universidade de Coimbra, onde deixou a reputação d'um estudante distinctissimo e ao mesmo tempo d'um musico já notavel.

Aproveitadas, desde muito cedo, as suas extraordinarias aptidões musicaes, tendo por primeiro mestre o excellente mestre de capella Antonio José Soares, que começou tambem a educação de pianista de Arneiro, que hoje é um dos mais illustres pianistas do mundo, completados mais tarde os seus estudos de harmonia e composição, com o antigo professor da orchestra de S. Carlos, Manuel Joaquim Botelho, e de contraponto e fuga, com o maestro director da orchestra de S. Carlos, Vicente Schirri, o Visconde do Arneiro já em Coimbra, era reputado um talento musical de primeira ordem, e tanto que emquanto frequentava com distincção a universidade exercia sempre com não menos distincção o cargo de director musical do theatro Academico.

Foi ahi, n'este theatro, que o Visconde do Arneiro fez executar as suas primeiras composições entre as quaes avultava uma operetta *A questão do Oriente* que teve grande applauso.

N'essa mesma epocha o Visconde do Arneiro escreveu uma missa em sol maior a 4 vozes, novenas, ladainhas, que tiveram grande successo entre os amadores de musica de Coimbra e que ainda hoje alli se executam a miudo. Terminado o seu curso, em 1859, o Visconde do Arneiro veio para Lisboa e abriu banca de advogado.

E era um advogado habilissimo, o grande musico, os clientes affluiam ao seu escriptorio, dirigia as causas mais intrincadas com o mesmo talento e a mesma felicidade com que dirigia a execução das musicas mais difficeis, e se a Arte não se tivesse mettido de premeio, o fôro teria tido no Visconde do Arneiro uma das suas mais brilhantes glorias.

Mas ainda bem que a Arte se metteu n'isso.

Advogados illustres não faltam, em Portugal, e grandes maestros, maestros como o Visconde do Arneiro são não só rarissimos, em Portugal, mas raros em todo o mundo.

Ao mesmo tempo que advogava, o Visconde do Arneiro aproveitava os momentos, que o estudo dos autos lhe deixava livres, em fazer musica. Foi assim que, ao mesmo tempo que a sua fama de grande pianista se estendia por Lisboa, a sua fama de compositor começou a fazer carreira.

Um *Scherzo* em mi *b*, uma *Polonaise de concert*, os *Refrains du Printemps*, tiveram grande voga nas salas, e no mundo musical, e todos que entendiam da arte começaram a perceber que estava alli um compositor de primeira ordem.

Animado com o exito brilhante das suas composições, o Visconde do Arneiro tentou obra de maior folego, e em 2 de março de 1865 o publico de Lisboa maravilhado, victoriava no theatro de S. Carlos o illustre auctor do grande bailado fantastico *Ginn*, cujos deslumbramentos de scenario, eram acompanhados pelo encantamento da musica deliciosa e originalissima, do Visconde do Arneiro.

A causa da Arte estava julgada na suprema instancia; a advogacia perderia um dos seus mais illustres membros, e a musica teria mais uma brilhante gloria.

Em 1870 na festa da Senhora da Conceição, na egreja dos Paulistas, a sociedade orpheonica de Lisboa, executou pela primeira vez um *Te Deum* do Visconde do Arneiro.

Esse *Te Deum* era uma verdadeira obra prima.

Executado no anno immediato no theatro de S. Carlos n'um concerto de amadores, no qual teve a honra de tomar parte a pessoa que escreve estas linhas, mereceu ao Visconde do Arneiro, uma ovação enorme; executado no anno seguinte em Paris com o nome de *Symphonie Cantate*, valeu ao illustre maestro portuguez, a sua consagração de compositor de primeira ordem, pela critica difficil e severa dos grandes criticos musicaes da França.

Eis alguns trechos d'essas principaes criticas feitas ao nosso glorioso compatriota.

Oscar Commetant, o notavel critico musical, disse da obra de Arneiro, o seguinte:

«A composição do compatricio de Camões, qualificada no programma de *Symphonia cantata*, começa por um *Te-Deum laudamus* muito caracteristico, a orchestra e coros; é instrumentada não á maneira dos que por capricho ou vaidade rabiscam papel pautado, mas com mão de mestre e sempre segura nos effeitos a produzir.

Desde o primeiro trecho d'esta composição dramatico-religiosa, dividida em tres partes e sommando estes doze trechos largamente desenvolvidos, comprehendeu o auditorio que assistia á revelação de um compositor talentoso.

O estylo do mestre portuguez (ao menos n'este *Te-Deum*) participa dos chefes da escola musical religiosa do seculo passado, enriquecido com as conquistas da instrumentação moderna.

Muitas vezes nos pareceu ouvir, pela distincção e exposição de idéas uma pagina inedita de Cherubini, e, nada conhecemos de mais grandioso n'esta ordem de estylo do que o *Miserere* do Visconde do Arneiro. Só temos a notar a este mestre, destinado, como piamente crêmos, a tomar um logar distincto entre os compositores dramaticos, que, de quando em quando, entra nos dominios da musica mundana, devendo restringir-se restrictamente ás inspirações da musica religiosa; notando este defeito, entretanto, não esqueçamos que d'elle foram acoimados Beethoven, Weber, o proprio Mozart e até Haydn em algumas das suas missas e muito principalmente Rossini no seu *Stabat* e na *Missa pequena*.»

Teugnovel escreveu na *L'Europe artiste:*

«... O que desde já podemos affirmar aos nossos leitores é que a *Symphonia-cantata* que tivemos o privilegio de ouvir, tem musica sufficientemente magnifica para fazer a reputação de um artista; tudo é bello: a melodia é abundante e n'um estylo largo, grandioso, simples e elevado; orchestra é cuidada, correcta, animada, colorida; tem sonoridades da maior distincção.

A nova partitura é uma mina inexgotavel, onde os discipulos da musica do futuro poderão, sem grande esforço de imaginação, fazer farta colheita.»

E Victorino Joncières, o illustre maestro francez, teve sobre o *Te Deum* de Arneiro, a seguinte opinião:

«... Sente-se em toda esta partitura uma inspiração poderosa, um vigor viril, qualidades muito para serem notadas, visto que cada vez é muito mais sensivel a raridade com que apparecem.

A melodia francamente rhythmada, as harmonias limpidas, a instrumentação colorida, fazem-nos esquecer, por momentos, a musica rachitica e anemica dos imitadores de Schumann.»

Consagrado maestro pela França, o Visconde do Arneiro teve essa consagração em Portugal, das mais brilhantes e das mais ruidosas, quando em 1876 apresentou no theatro de S. Carlos, a sua primeira grande opera, *O Elixir da Mocidade*, cantada por Vitali, Corsi, Rota e Vidal, com um successo notabilissimo.

Depois do grande successo da sua opera *Elesire di Geovinezza*, o Visconde do Arneiro sahiu de Portugal e foi para Italia, continuar na patria da musica os seus estudos e os seus trabalhos.

É necessario que se saiba que lá fóra o Visconde do Arneiro é muito conhecido e muito considerado em todo o mundo musical, como uma auctoridade de primeira ordem.

Em Italia, no ultimo concurso musical, o nosso illustre compatriota foi escolhido para fazer juntamente com Ponchielli e com outro dos mais afamados maestros da Italia contemporanea, parte do jury encarregado de conferir os premios á musica dramatica.

O Visconde do Arneiro teve que declinar essa honra, por ser um dos expositores; não podia ao mesmo tempo ser julgador e julgado.

A sua opera a *Derellita* foi premiada pelo jury, com o primeiro premio, a madalha de ouro.

N'isto metteram-se em jogo umas questões de interesses locaes; era necessario que o primeiro premio fosse conferido a um expositor que pretendia não sabemos que logar official, d'ahi grandes empenhos, altas influencias, o jury demittiu-se protestando, uma historia muito complicada, que alguns jornaes tem já contado, e de que resulta positivamente que de todas as obras dramaticas que concorreram á exposição, a mais notavel era sem contestação critica a do illustre maestro portuguez.

Ao cabo de nove annos de ausencia, nove annos durante os quaes, nos chegavam de vez em quando a fama dos triumphos alcançados pelo nosso glorioso compatriota, o Visconde do Arneiro voltou a Lisboa, para fazer representar a sua *Derellita* no theatro de S. Carlos.

A *Derellita* representou-se pela primeira vez, na noite de 14 de março e o successo foi completo e enorme.

Portugal tinha mais uma grande opera digna de figurar no reportorio dos melhores theatros lyricos do mundo.

Não é aqui o logar de apreciar detidamente essa obra que é uma demonstração brilhantissima do notavel talento do Visconde do Arneiro e da sua profunda sciencia musical.

Esboçamos apenas a correr, uma rapida noticia biographica para acompanhar o retrato do grande maestro portuguez, que já deixou de ser uma gloria portugueza, para ser uma gloria da musica contemporanea.

O Visconde do Arneiro tem entre mãos um novo trabalho de grande folego; uma opera *D. Bibas* feita sobre um libretto tirado do *Bobo* de Alexandre Herculano.

É uma composição grandiosa que esperamos para o anno ver em scena no nosso theatro, e de que já conhecemos trechos maravilhosos.

A opera tem grandes despezas de *mise-en-scene* mas o paiz tem obrigação restricta de fazer essas despezas, para que essa opera, cuja o assumpto é puramente nacional enriqueça o reportorio do nosso theatro lyrico.

O Visconde do Arneiro trabalha activamente n'essa obra que lhe será mais uma corôa de triumpho e que reproduzirá na musica uma das mais formosas obras primas da litteratura portugueza.

*G. L.*

---

## Um desenho inedito de Nogueira da Silva

I

Ao publicarmos um desenho inedito de Nogueira da Silva, unico que conhecemos, e que tivemos a boa fortuna de alcançar, acompanhemos esse desenho com o retrato do seu auctor, archivando um e outro em nossas paginas, onde tem justo direito de figurarem, como dois documentos preciosos para a historia da gravura em madeira, em Portugal.

Nogueira da Silva póde ser considerado um dos fundadores da gravura em madeira, no nosso paiz, porque contemporaneo de Manuel Maria Bordallo Pinheiro e de José Maria Baptista Coelho os dois que primeiro cultivaram em Portugal a gravura em madeira, é certo que Nogueira da Silva é que lhe imprimiu o maior impulso e a fez progredir e aperfeiçoar, pondo ao serviço d'ella o seu bello talento e a sua rara aptidão.

Era por 1853 ou 54, Nogueira da Silva tinha abandonado o curso de marinha, que encetára de má vontade, e unicamente por obediencia aos desejos paternaes; sentia-se melhor com os seus lapis e com os seus pinceis de aguarella e de miniaturas; já tinha esperimentado os buris na officina de lavrantes do Arsenal do Exercito, para onde entrára aos 12 annos; lembrava-se com saudade dos gessos que copiára na Academia das Bellas Artes, de Lisboa que frequentára por algum tempo; e n'este meio em que se julgava feliz, com aquella coragem e abnegação que acompanha os artistas de raça atravez de todas as contrariedades e privações, porque elle as tinha, abandonado da protecção paterna, por não ter seguido a carreira de marinha, Nogueira da Silva procurava onde empregar a sua actividade artistica sem encontrar remuneração para ella.

Um concurso em que entrára para a cadeira de desenho, na Escola Polytechnica de Lisboa, concurso a que correspondeu brilhantemente, ficou a decisão indefinidamente adiada, por motivos que nunca se apuraram, mas em que não deixaria de influir o concurso não ter sido feito para elle.

Os trabalhos de desenho não tinham cotação no mercado. As miniaturas eram monopolio do Santa Barbara, e Nogueira da Silva raras fazia Lembrou-se de traduzir um romance e de o distribuir impresso, ás folhas de 16 paginas a 40 réis cada uma — esta idéa n'aquelle tempo era perfeitamente original — mas isso pouco deu, ninguem queria lêr e a obra não se concluiu.

Deparou-se-lhe um outro meio inesperado, que principiou por o cegar e depois por lhe dar alguns pintos a ganhar.

Nogueira da Silva teve uma terrivel doença de olhos, em que esgotou todos os recursos da medicina escholastica e caseira. Tentou então curar-se com a medicina de Raspail.

Comprou um manual, leu com grande difficuldade algumas paginas e encontrou remedio para a sua doença, aquelle livro ficou sendo para elle um thesouro; restituira-lhe a sua preciosa vista, e as suas paginas eram paginas de ouro que dia a dia se iriam desfolhando.

Nogueira da Silva fez-se raspailista por convicção; adquiriu a grande obra de *Saude e Doença de Raspail*, leu-a, releu-a e principiou a curar por aquelle systema.

Morava a esse tempo na rua de Entre Muros, e havia uma constante romaria de enfermos para sua casa, porque as curas eram prodigiosas e por aquellas cercanias todos já conheciam o *medico de Entre Muros*. Elle mesmo preparava alguns remedios, e uma gaveta de uma commoda, que nós ainda chegamos a conhecer, enchia-se diariamente de azebrado cobre com sua prata a mistura. Se Nogueira da Silva não tinha ido á California, que então fascinava tantos emigrantes, tinha-a encontrado mais perto, em sua propria casa, na gaveta d'aquella commoda que era um filão precioso.

Mas nas boticas do sitio já se falava no curandeiro, já se trovejavam ameaças de Boa Hora, porque só os medicos é que podem curar, é claro, e Nogueira da Silva não se quiz expôr a sentar-se no banco dos reus. Mudou de casa; despejou a gaveta pela ultima vez; tinha caído a derradeira folha do livro de ouro.

Estava pago e bem pago.

Explorou outra industria. Principiou a fabricar, em pequena escala, alguns ingredientes chimicos, mas a exiguidade da producção não lhe permittiu concorrer com vantagem. Fez agua de Colonia, em que poz todo o esmero de manipulação e todas as essencias de uma rigorosa formula; era optima, mas muito cara. Enfrascou-a em uns vidros de caprichosa fórma, poz-lhe uns rotulos de côres brilhantes, encapou as rolhas com pellica fina, era um primor por fóra e por dentro. Mandou vender a sua agua de Colonia, cheio de confiança no bello producto que apresentava; os lances, porém, não corresponderam ao genero, houve quem offerecesse a pataco por cada vidro, o maior lance foi de quatro vintens, era em quanto importava o vidro com o rotulo e a rolha.

Nogueira da Silva acceitou a offerta; despejou a agua de Colonia, encheu os vidros com agua do pote, rolhou-os de novo, como se lhe não tivesse mechido e mandou-os entregar ao comprador.

Deixou-se da chimica e gastou a agua de Colonia nos seus lenços.

Por aquelle tempo já existia o Centro dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, e o principio da associação era accolhido com todo o enthusiasmo. Nogueira da Silva enthusiasmou-se tambem, estava nas suas idéas e na sua indole. Propoz o dar gratuitamente um curso nocturno de desenho linear e de geometria, no Centro; a sua proposta foi acceita e o curso frequentado. Isto deu-lhe importancia, deu-lhe nome e poz em relevo o seu merito.

Fradesso da Silveira frequentava tambem o Centro, e alli teve occasião de conhecer Nogueira da Silva.

Fez-lhe uma proposta, que Nogueira acceitou.

—Vou fundar um jornal illustrado, disse Fradesso da Silveira, você quer-se encarregar de fazer os desenhos e as gravuras para esse jornal?

Nogueira da Silva exultou, sentiu-se mais feliz que Diogenes, tinha achado o seu homem, disse que sim a Fradesso, e este continuou.

—Vou estabelecer uma imprensa, e você vae para lá fazer as gravuras, terá um ordenado certo; quanto ha-de ser?

— Não sei, respondeu Nogueira, receioso de oppôr a mais ligeira difficuldade.

— Um pinto por dia, convém-lhe?

— Convém.

Era o preço porque se pagava então tudo quanto era bom, segundo diz algures, com toda a propriedade, o sr. Ramalho Ortigão.

D'ali a dias saía a publico a *Revista Popular*, illustrada por Nogueira da Silva.

Fazia a sua estreia. Nunca tinha gravado em madeira, e não obstante, as suas gravuras offereciam novidade; o manejo era differente das que até ahi se tinham feito cá. Era uma revelação que enchia de orgulho o seu auctor, peccado mofento que sempre o acompanhou.

Eis a ligeiros traços, como Nogueira da Silva se fez desenhador e gravador em madeira.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

---

# AS NOSSAS GRAVURAS

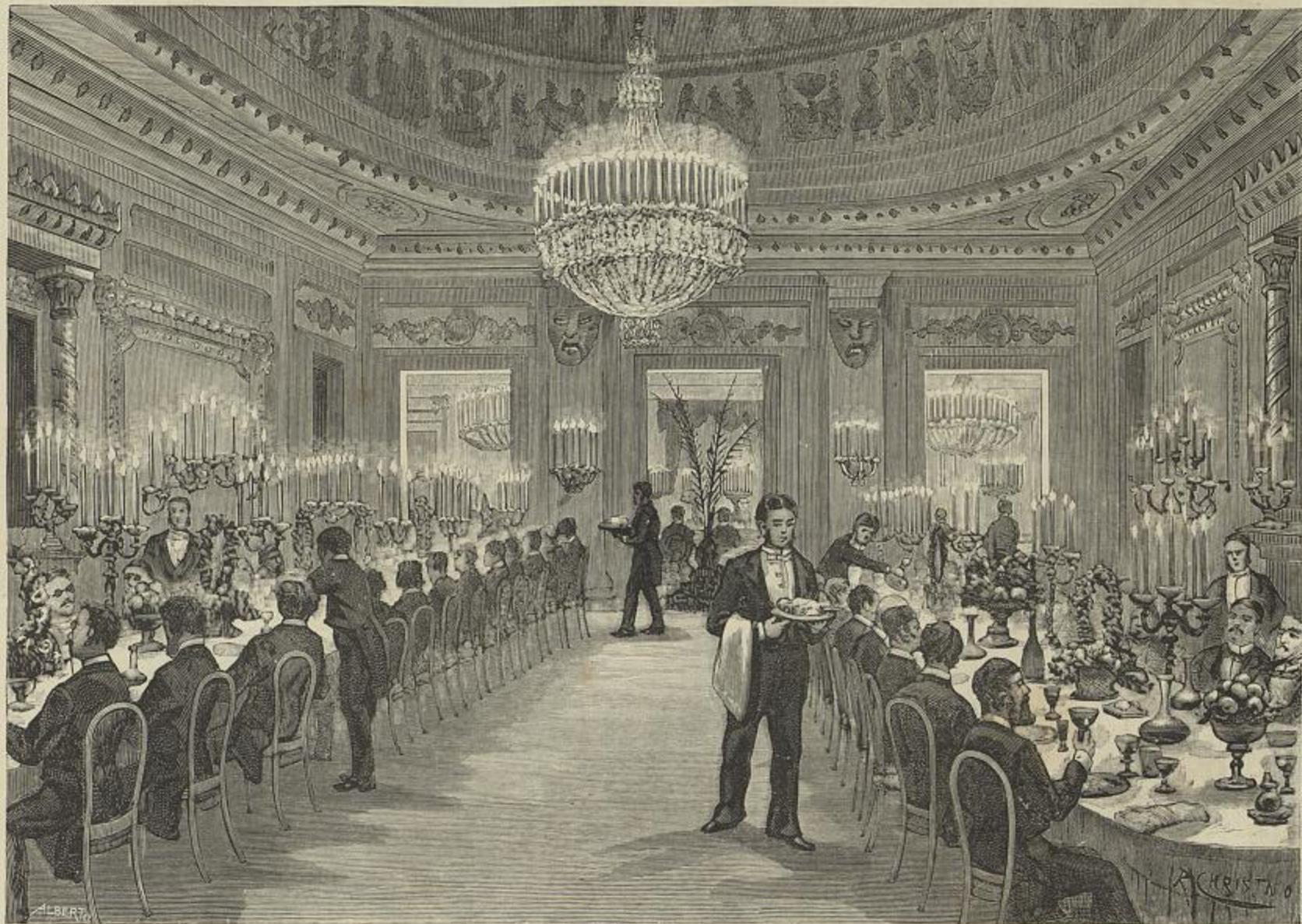
### JANTAR OFFERECIDO PELO MINISTERIO DOS EXTRANGEIROS AOS MEMBROS DO CONGRESSO POSTAL

Realisou-se no dia 11 do corrente, no palacio dos srs. duques de Palmella, no largo do Calhariz, onde actualmente está estabelecido o ministerio dos negocios estrangeiros, o banquete offerecido por este ministerio aos membros do congresso postal, reunido em Lisboa.

O palacio prestou-se admiravelmente para esta festa. A sumptuosidade das suas salas reune a elegancia e bom gosto com que estão mobiladas, e nenhuma outra secretaria de estado, em Lisboa, se lhe póde comparar. D'isso nos convencemos ao visitarmos aquelle magnifico palacio.

O sr. Ferreira do Nascimento, porteiro d'aquella repartição, foi quem dirigiu e dispoz tudo para o banquete.

Principiando pelo atrio, que estava profusamente adornado de plantas que se erguiam até ao tecto e que umas brilhantes estrellas de gaz illuminavam a *giorno*, entrava-se na escada, que era ladeada por grandes vasos com arbustos, onde se viam pés de larangeiras com os pomos pendentes. Foi o sr. Costa, horticultor na rua do Arco de Jesus, que se encarregou d'esta ornamentação e se desempenhou d'ella com muita competencia.

O jantar effectuou-se na sala dos jantares de gala do palacio e na que lhe fica contigua, que é a sala de baile. São estas duas salas que a nossa

Jantar offerecido aos meneros do Congresso Pcstal, nas salas do Ministerio dos Negocios Extrangeiros (Desenho do natural por Christino)

gravura representa na occasião do banquete, sendo a que se vê no primeiro plano a primeira e a que se vê ao fundo, atravez das portas, a segunda.

Qualquer das duas salas são riquissimas. A primeira é de forma oblonga, rompendo ao centro uma cupula eliptica que quasi toma todo o tecto; esta cupula, que é formada por dois lanços concentricos, é toda guarnecida de custosas pinturas, representando flores, fructos e graciosos grupos mythologicos. As paredes são brancas, envernizadas e apaineladas com molduras ornamentaes em relevo. Dois elegantes fogões estão ao centro das paredes da sala, e por sobre elles dois grandes espelhos encaixilhados em trabalhadas molduras, ás quaes fazem portico uma columna de cada lado, encimadas por uma cimalheta que termina por um renque de folhas douradas. A nota dominante n'esta sala é o branco realçado por muito discretos toques dourados.

N'esta sala haviam duas mezas que abriam ala a todo o comprimento da casa, e que davam logar para quarenta talheres cada uma. Estas duas mezas eram presididas, uma pelo sr. presidente do concelho, e a outra pelo sr. ministro do reino.

A profusão das luzes e das flores, dispostas aquellas em elegantes serpentinas de dez velas, e estas em formosos *bouquets* coroando os centros de meza e os froteiros e em lindos açafates cheios de hera e camelias, deslumbravam a vista com o seu brilho e com as suas cores.

A outra sala em nada é inferior a esta, se não é mais rica. E' tambem pintada de branco, com ornatos em relevo, que se entremeiam por entre frisos e molduras douradas. O tecto é elevado em forma de abobada com pinturas alegoricas á musica e á dança. A meza d'esta sala era presidida pelo sr. ministro dos negocios estrangeiros, e da mesma forma que as outras estava elegantemente adornada. Dois grandes lustres pendentes illuminavam deslumbrantemente a sala, juntando as suas luzes ás que profusamente brilhavam nas serpentinas e candelabros collocados sobre a meza. Esta sala estava guarnecida de vistosas plantas, e ao centro erguia-se um massiço de arbustos elegantemente dispostos. Uma orchestra tocava no côro d'esta sala durante o jantar, e a banda dos marinheiros da armada, tocava no atrio do palacio.

O jantar principiou pouco depois das oito horas e terminou ás dez. Alem dos membros do congresso postal, assistiu o ministerio, corpo diplomatico e outros altos funccionarios, em numero de 120 convidados.

O *menu* foi primoroso e servido pelo Hotel Bragança.

FRANCISCO AUGUSTO NOGUEIRA DA SILVA
(Segundo uma photographia de Nogueira da Silva & Alberto)

## EGREJA DO CARMO, EM FARO

Data de 1710 o estabelecimento da ordem terceira do Carmo, na cidade de Faro, capital da provincia do Algarve e séde episcopal.

Foi seu primeiro prior D. Antonio Pereira da Silva, bispo do Algarve e prelado muito illustre por seu saber e virtudes. O digno bispo empregou todos os seus bons officios para a boa organisação e estabelecimento da ordem terceira na sua diocese, principiando por determinar uma capella para a ordem, na egreja da Esperança, em Faro.

Passados tres annos conseguiu lançar os fundamentos de uma egreja propria da ordem, para o que comprou uns terrenos da horta de S. Pedro, juntos a outros que a camara lhe concedeu, sem fôro, e que constituiu uma area consideravel.

A ceremonia do lançamento da primeira pedra realisou-se com grande solemnidade, no dia 22 de fevereiro de 1713, e d'alli se levantou a egreja de Nossa Senhora do Carmo, que a nossa estampa representa.

D. Antonio Pereira da Silva, não logrou, porém, ver concluida a sua obra em que tanto se empenhára e para a qual dispendera de sua fazenda. A morte pôz termo a todos os seus desejos a 17 de abril de 1715.

A egreja é de dimensões regulares e tem junto um hospicio. A estampa dispensa-nos de fazer a descripção do seu exterior. Interiormente consta de duas capellas por banda, e da capella-mór.

E' um dos monumentos religiosos mais importantes da provincia do Algarve, e um dos melhores edificios de Faro.

A provincia do Algarve tem sido tão pouco historiada e os seus monumentos tão pouco conhecidos nas publicações illustradas que se tem feito no paiz, que não perderemos occasião de dar á estampa noticias e gravuras dos principaes pontos d'esta bella parte de Portugal.

Esperamos fazer uma digressão artistica por aquella provincia, e alli fazermos boa colheita de desenhos e noticias, que publicaremos.

UM DESENHO INEDITO DE NOGUEIRA DA SILVA — A PRAÇA DO COMMERCIO, EM LISBOA, VISTA DO TEJO

## O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

(Continuado do n.º 224)

Os primeiros trabalhos scenicos em que Rosa, *retour de France*, apresentou a sua nova maneira foram o de pae nobre na *Jeny*, o de Lombard no *Operario*, e o do protogonista o *Conde Hernan* de Dumas pae.

Ahi já o fogo da paixão, a impetuosidade da veia dramatica até então á solta, se submettia ao estudo minucioso do personagem a analyse do seu caracter, do seu feitio, do seu temperamento, da sua individualidade.

Na *Prophecia* de D. José d'Almada, Rosa encarregado do papel de Tito deu-lhe um alto tom artistico, que revelou conhecimento profundo dos segredos da arte de representar.

N'esta peça que tanta sensação fez em Lisboa, que trouxe á capital tanta gente das provincias, o que era muito mais significativo do que hoje é, por quanto a viagem em mala posta e em diligencias era a coisa mais incommoda que se póde imaginar, foi para Rosa mais do que o *successo* do actor, um *successo* completo de ensaiador, de *costumier*, de decorador, de ressuscitador d'uma epocha historica.

A propriedade profunda, o supremo bom gosto, a deslumbrante riqueza com que a *Prophecia* foi posta em scena no theatro de D. Maria, ficaram celebres na tradicção do theatro portuguez.

Andrade Ferreira referindo-se á maneira como a *Prophecia* foi posta em scena escreve a seguinte pagina, que reproduzimos aqui por nos parecer interessantissima e reportar-se a um dos acontecimentos mais importantes da historia da nossa arte scenica:

«As tradicções explenderosas de Salomão e os requintes de luxo que as artes da Grecia haviam trazido aos reinados de Tiberio e Augusto, tudo appareceu n'este grande quadro, que inquietou a capital e as provincias, assentando-as promiscuamente no theatro de D. Maria II.

«Houve por esta occasião até estrangeiros que pediram para ir ao palco do theatro de D. Maria, desejosos de examinar de perto a riqueza dos tecidos e lavores, perfeição de trabalho e rigor historico dos trajos, ornatos e adereços, pois nunca se viram tão primorosos e adequados, nem mesmo na Grande Opera, quando alli foi com afamada magnificencia o *Propheta*, de Meyerbeer. As vestes das primeiras partes eram todas de brocado de subido preço e recamadas de bordaduras finas. E' incrivel a paciencia com que Rosa, desauxiliado de obras completas que o elucidassem no vasto complexo d'este trabalho; é incrivel a paciencia com que elle inquiriu o que se havia escripto e publicado a este respeito: o elucidario de Ducange, as antiguidades de Montfacon, os trabalhos sobre os gregos de Horacio Vernet, as copias das escavações das ruinas de Pompeia e Herculano de Ary Scheffer, tudo isto foi aprofundado e esquadrinhado pelo consciencioso artista. E não ficou aqui só, pois era elle proprio quem depois desenhava e modelava até, inspeccionando em incansavel e incessante zelo os varios e infinitos componentes d'esta Babel, que resume em scena todos os distantes e diversissimos povos da dominação romana.»

E no fim de tudo comprehende-se isto: porque Rosa não era sómente um actor, era um artista de raça, um temperamento d'*élite*, um idolatra do bello onde quer que fosse que elle se manifestasse.

Rosa era actor, era pintor e era esculptor: ahi temos no vestibulo do theatro de D. Maria uma obra sua a attestal-o — o busto de Garrett. Vivia na intimidade de todos os grandes artistas d'então, e tudo que fosse arte lhe era facil e agradavel.

D'essa propensão natural para a pintura, d'esse grande amor da plastica que elle tinha como um atheniense, vinha-lhe como actor uma outra especialidade ainda, a da caracterisação. Ninguem n'esse tempo se caracterisava no theatro como elle, e a cabeça de Romeiro do *Frei Luiz de Sousa*, a fronte calva de Gil Vicente, no drama de Garrett, pareciam arrancadas das telas celebres dos grandes pintores gloriosos.

(Continúa) *G. L.*

## O Dr. Francisco Antonio Pinto
## E as suas conferencias sobre o Zaire

(Continuado do n.º 224)

Na segunda conferencia continuou o sr. dr. Pinto a tratar da fauna angolense, que é riquissima.

Falou das feras e outros animaes que povoam aquellas regiões. O leopardo é ali mais temivel que o proprio leão; referiu-se aos pachidermes, onde occupa o primeiro logar o rhinoceronte, depois descreveu algumas caçadas que fez aos hyppopotamos, no Zaire. A hypaianna, na classe dos ruminantes, é um animal de grandes proporções e perigosissimo de caçar, porque investe com o caçador, mais disposta a dar-lhe caça do que a deixar-se morrer.

Ha uma hyena mais feroz que os animaes referidos e de que o vulgar d'esta especie. Vive entre os cafesaes, e os pretos conhecem-na pelo nome de magumbala; teem por ella uma superstição extraordinaria. Crêem que este irracional é um homem disfarçado; esta crença é semilhante á que em tempos houve entre o povo ignorante do nosso paiz, com respeito aos lobishomens.

A magumbala chega a atacar bandos de negros, matando-os e sugando-lhes o sangue, sem que os restantes, tomados de terror, offereçam a menor resistencia ou defeza.

A grande ferocidade d'estes animaes data de 1864, em que uma grande epidemia de variola, que grassou em Golungo Alto, fez muitas victimas, e não tendo sido enterrados os cadaveres, por desleixo dos habitantes, foram esses cadaveres pasto das magumbalas, que assim se acostumaram tanto á carne humana, que a procuram, com incarniçada ferocidade, de preferencia a outra qualquer.

Os macacos existem em grande abundancia por toda a provincia. Encontram-se bandos ou familias, capitaneadas por um macaco velho. Cantam em côro, respondendo ao macaco chefe que canta a solo. São muito ladrões e causam muitos prejuizos á agricultura; devastam as plantações e tem a consciencia do mal que praticam, porque usam de astucia cautelosa para o fazerem. Quando um bando de macacos invade uma plantação, fica o chefe de vigia a vêr se vem gente, e, quando alguem se approxima, elle dá o signal de alarme, ao qual fogem todos, levando quanto podem do roubo.

Os macacos teem uma grande predilecção pelas pretas, atacam-nas nos caminhos, fazem-lhes as mais convincentes declarações de amor, e quando estas se vêem muito apoquentadas por aquelles quadrumanos, e gritam pedindo soccorro, são quasi sempre as macacas que as vem livrar do importuno encontro, e as vingam do ultraje, saltando á dentada ao macaco infiel.

No Chiloango encontra-se o chimpanzé em maior quantidade; é facil de se apanhar, mas esmoresse depois de captivo, e morre. São muito intelligentes e ladinos. Teem uma grande bossa imitativa de arremedarem o homem. Sentam-se em uma cadeira e tomam nas mãos um livro, um jornal, fingindo que lêem; chegam a servir-se de talher para comer, e fumam em cachimbo. Havia um chimpanzé, em Boma, pertencente a um negociante, que usava fazer a seguinte diabrura.

Quando os mussorongos atracavam, com as suas canôas carregadas de generos que vinham vender, e as amarravam á estacaria da praia, indo em seguida procurar o negociante para fazerem o seu commercio, o chimpanzé aproveitava a ausencia dos donos das canôas e desprendia-as das amarrações, abandonando-as á corrente do rio. Depois vinha para cima do telhado da feitoria, desfrotar os effeitos da sua obra, e quando os mussorongos voltavam e se exasperavam por verem as canôas ao largo levadas pela corrente, elle tocava o auge da satisfação e lá de cima do telhado dava mostras de grande troça, com que fazia rir os circumstantes que acudiam ás imprecações dos mussorongos.

O crocodillo faz grande numero de victimas nas margens dos rios. Estas victimas são devidas, sobretudo, á superstição dos pretos, que tem para si, que os crocodillos só devoram os feiticeiros, e como nenhum preto se tem n'essa conta, resulta que não evitam a approximação da fera, deixando-se surprehender pelo reptil sem receio, seguros de que elle lhes não fará mal. D'isto resulta que os que são tragados pelo crocodillo sejam tomados, pelos seus companheiros, á conta de feiticeiros, e portanto aquelles continuam a nada receiarem, e não procuram livrar-se da fera quando esta os accommette.

Ha em toda a provincia muitas especies de aves que considera aproveitaveis para creação e que podem fornecer bello alimento. Entre essas destaca-se a túa semelhante ao peru e que vive para o sul da zona baixa do Dande.

Os melhores papagaios são os de Cassange. Os naturaes criam-nos cuidadosamente para lhe aproveitarem as penas, que são lindissimas, para se enfeitarem e para trocarem por outros generos.

A collecção dos insectos é rica e variada. Ha, porém, algumas especies perniciosas, como a mabata semelhante á carraça que se encontra entre o matto, no nosso paiz. O pulex penetrans da America tambem ali se encontra importado nas cargas procedentes d'aquella parte do mundo; o preto não tem cuidado nenhum com estes bichos que se introduzem nos pés, perfurando os tecidos, e por este motivo muitos chegam a soffrer amputações de pés e de pernas, tal é o miseravel estado a que se deixam chegar.

Os pretos usam untarem-se de manteiga para se perseverarem dos insectos; elles mesmos fabricam a manteiga, mas n'essa operação dá-se uma singularidade curiosa. O preto que fabrica a manteiga, usa pendurar na testa um insecto dessecado, semelhante ao *ateneus sacer* adorado pelos egypcios, na antiguidade. Aquelle insecto assim disposto é considerado pelo preto como o fautor da manteiga, e sem aquelle feitiço o leite não se transformaria.

Segundo a opinião do sr. dr. Pinto ha tres raças distinctas entre os habitantes d'aquellas regiões.

Em Mossamedes e ainda em Benguella, apparece muito pura a hottentote, que é a estratificação mais antiga, devendo ter existido, ainda mais pura, para o norte, onde foi já absorvida pela estratificação da raça do Congo. Encontram-se as tribus dos Cuissos ou Macuissos que vivem nas grutas da beira mar e nos cerros de Capangombe. Os caracteristicos antropologicos d'esta raça são os mesmos da raça hottentote, pernas e tronco curtos, braços compridos e côr amarellada.

Ha mais outra variante da raça hottentote, são os Gangalas ou Mugangalas que habitam mais para o interior. Estas duas ultimas raças tem uma grande tendencia a extinguirem-se, vivem isoladas e evitam todo o trato com os brancos e com os pretos que desprezam como escravos.

Nas montanhas encontrou o sr. dr. Pinto uma raça que classificou de cafre, ainda que os ethnographos não são de opinião que ali exista. Entende, porém, que aquella raça póde ter invadido esta região, tanto no cume das montanhas, como no baixo d'ellas, onde se encontram os mucorocas, bailundos e mundombes. Para reforçar a sua opinião a respeito da existencia dos cafres n'aquelles logares, cita Leterneau o qual affirma não existirem nians-nians — homens que caçam e comem cães — quando elle, conferente, afiança que existem, e sabe como os nians-nians cosinham os cães para comerem. Este erro que se dá em Leterneau com relação aos nians-nians, póde-se dar com relação aos cafres.

A raça cafre está perfeitamente caracterisada nos principes das tribus que vivem nos planaltos, confundindo-se um pouco nas camadas inferiores, em consequencia do cruzamento com a raça Congo.

A moral e a intelligencia das tribus dos planaltos é muito superior ás da raça Congo. Os seus caracteres ethnographicos são differentes dos congos e proprios dos cafres.

Os caracteristicos anthropologicos da raça Congo são muito difficeis de determinar; para exemplo cita os libolos que os ha desde amarellos, como os hottentotes, até ao preto guineano, entretanto o congo distingue-se pelo nariz chato, largo e molle, as ventas muito abertas para a frente, labios grossos, queixos muito fortes e a côr mais escura que a dos hottentotes.

Em Loanda e Cabinda, as differentes raças misturam-se em grande confusão pelo cruzamento que fazem.

O congo alimenta-se de mandioca, peixe e carnes, excepto a de porco; a sua cozinha é extremamente elementar, aduba a comida com oleo de palma, e bebe o succo d'esta palmeira que substitue o vinho. Fuma liama, especie de stramonio, de que abusa tanto, que chega a enlouquecer. Tambem fumam tabaco.

Tapam a nudez com umas pequenas esteiras que prendem á cintura, mas actualmente, uma grande maioria já se veste com fazendas de algodão. As pretas novas usam o cinto do pudor, e as virgens destinguem-se pelo vestuario das que o não são.

A polygamia é permittida entre os pretos e cada um póde ter as mulheres que possa sustentar. A mulher casada é propriedade do marido até ao ponto de a poder matar, sem que lhe peçam contas d'isso. O adulterio por parte da mulher é punido com a morte da adultera e seu cumplice, na fogueira; entretanto este rigor da lei só é permittido aos principes, porque para as classes inferiores, uma indemnisação do seductor paga a infidelidade da mulher.

As mulheres ali só casam depois de terem provado que são fecundas.

Os prisioneiros das guerras e os que são julgados feiticeiros é que são vendidos como escravos, e um ou outro que voluntariamente abdica da propria liberdade.

As guerras no Congo são feitas por meio de feitiços, grandes algazarras e alguns tiros de pol-

vora secca que disparam para o ar. Não póde haver nada mais ingenuo e menos perigoso.

A sua religião não se póde precisar. A idéa de Deus nas raças do Congo é o terror deificado. Os deuses não fazem bem, mas evitam o mal. Teem sacerdotes e templos, estes constam de uma esteira suspensa em quatro estacas fincadas no chão; ali vão os pretos pregar um prego no manipanso quando lhe querem fazer algum pedido; chamam a isto *bater o feitiço*.

Teem muito imperfeita a idéa da immortalidade da alma, pelo que pensam que a morte é um somno que dura até que se esqueçam do morto Com o morto gastam tudo que elle tinha e o mais que os parentes podem arranjar, e se assim não procederem, o *cazumbi* ou alma do morto, os perseguirá eternamente.

O Congo está dividido em tribus que o rei difficilmente póde governar. O symbolo da realeza é um rozario de contas, com uma cruz pendente. A cerimonia politica mais importante é a *fundação;* essa cerimonia é precedida de uma dança a que preside o rei mais velho, e depois segue-se a discussão da *palavra*, que é o nome que dão á questão de que se trata. Para julgarem os crimes *tomam casca*, cerimonia por meio da qual recorrem ao juizo de Deus.

Referiu-se tambem á industria, que é muito limitada e quasi primitiva. Em artes tambem não estão mais adiantados, e as esculpturas que fazem em madeira, dos seus manipansos, são muito conhecidas entre nós.

(Continúa) *C. A.*

## A proposito da batalha do Ameixial

Quando o conde de Castello Melhor assumiu a tremenda responsabilidade de primeiro ministro do desditoso filho de D João IV, estava pendente a solução de dois negocios de importancia capital para a monarchia portugueza: a conclusão da guerra com a Hespanha, e o casamento de D. Affonso VI. Quasi que o primeiro dependia do segundo.

E assim o havia já comprehendido a intelligente D. Luiza de Gusmão.

Aproveitando-se do ensejo de sair para Inglaterra sua filha D. Catharina, a qual ia sentar-se no throno dos Stuarts, por estar desposada com Carlos II, ordenou ao marquez de Sande, que fosse acompanhar a infanta, com plenos poderes de embaixador extraordinario da nossa côrte junto ás da Gran-Bretanha e França, encarregando-o de negociar o casamento de D. Affonso em condições taes, que sua nóra trouxesse ao principe a ventura de esposo, e ao reino as sympathias da França.

Para captivar estas usou o conde de Castello Melhor de outros meios, que lhe pareceram mais efficazes. Organisou um exercito capaz de se pôr em campo contra o de Castella, e preparou-se para uma guerra defensiva-activa.

Em quanto o conde tratava diligentemente d'esses preparativos tão urgentes, davam-se na côrte vergonhosos e tristissimos successos. Desviemos d'alli os olhos, e vamos á provincia do Alemtejo vêr as nossas armas a triumphar do valor de Castella nas serranias do Ameixial.

Em outro logar mencionámos a victoria ganha pelos nossos, no glorioso dia 8 de junho de 1663, n'aquellas serranias. Agora accrescentaremos algumas palavras traduzidas por nós do relatorio, que D. João d'Austria mandou a Filippe IV, communicando-lhe as impressões do desbarato, que soffreu.

Começa a exposição feita em Arronches pelo filho bastardo de Filippe IV:

«Facilmente acreditará V. M., que quizera antes haver morrido mil vezes, que ver-me obrigado a dizer a V. M., que suas armas foram infamemente derrotadas pelos inimigos, com a ignorancia mais sem exemplo, que jámais tem havido (egual só a meus peccados, que sem duvida a causaram); havendo succedido esta desdita em fórma tal, que não deixou outro consolo mais, do que o de conhecer com evidencia, que Deus o quiz assim, tirando absolutamente a acção ás segundas causas.»

Indica mais adiante as disposições, por elle tomadas antes da batalha, e os movimentos tanto do seu exercito, como do nosso, affirmando: «começou o inimigo a formar-se em batalha em um grande olival, que ha debaixo de Extremoz, e nós fizemos o mesmo, collocando a infanteria nas eminencias que levo referidas; postos de tão difficil accesso, que era mister subir a ellas gateando, e a cavallaria se estendeu aos dois flancos em umas planicies, como o desejo as podia pintar, de maneira, Senhor, que parecia, que a natureza não podia haver formado melhor praça d'armas, nem mais segura, ainda para um exercito mui inferior; e, se no meu interior tinha algum escrupulo, era o de parecer-me demasiado resguardado, para quem ia a buscar o inimigo.»

Descrevendo a batalha, diz: «Agora, Senhor, ouvirá V. M. a acção mais ignominiosa, que até hoje se tem visto em homens, porque marchando para nós com muito socego os seis batalhões, em que fallei, atacaram a parte, que corria pela sua frente, da primeira linha da nossa cavallaria da ala direita, e, havendo passado das armas de fogo ás espadas, não tardou um *credo* inteiro em desordenar-se nossa gente, e fugir em confusão, desconcertando a segunda linha com a sua precipitada fuga; e ainda que á força de mais cavallaria voltou alguma da nossa á carga, foi tão frouxamente, que jámais se póde dizer, que rompera a inimiga; e para melhor conhecimento, de que Deus quiz envilecer os animos de todos a um tempo, e castigar por este meio, é de notar, que o primeiro batalhão, que voltou as costas, foi o de minhas guardas de arcabuzeiros, que era o primeiro do flanco direito, compondo-se de mais de 130 cavallos, a maior parte officiaes e reformados, de cuja qualidade se tinham feito experiencias de grande valor em todas as occasiões, e não menos que n'aquella mesma manhã no desalojar a gente das collinas, que iamos a occupar, sem que aproveitasse o bom exemplo, que lhes deu o marquez de Espinardo, seu capitão, a quem retiraram o cavallo morto, e com cinco ou seis feridas, as mais de espada. A este tempo o esquadrão dos inglezes, que disse, e outros tres da mesma nação, que vinham na vanguarda de toda a infanteria portugueza, atacaram as duas eminencias de nossas duas alas, trepando por ellas, como se não houveram de encontrar ninguem no cimo, que lh'o estorvasse; e não se enganaram, pois apenas assomaram ao alto da dos hespanhoes, estes, dando uma pessima descarga, começaram a desgalgar-se pela ladeira opposta abaixo, arrojando as armas, como se tivessem sobre si o mundo junto: este exemplo o imitaram os esquadrões da batalha, e depois os italianos, que estavam na collina da ala esquerda, de sorte que, em menos de meio quarto de hora, não havia cincoenta homens juntos, em ordem, de toda a infanteria, fugindo com uma cegueira jámais vista.

Referir a V. M. as circumstancias d'esta infame desdita, e o inutil de minhas diligencias, seria augmentar o sentimento, e alargar este despacho ao infinito, porque não ha imaginação, que a possa comprehender toda; e, para dizel-o de uma vez, nenhum homem no exercito cumpriu o que devia, e eu o primeiro, pois não fiquei feito pedaços n'aquelle campo, para evitar esta nova pena de dar a V. M. a que terá com estas noticias. Emfim, Senhor, nossa infamia ha deixado um exemplo novo nas historias; pois não se encontrará n'ellas, até hoje, que tenha sido derrotado um exercito (deixo á parte a inferioridade, porque isto se viu) por outro, que não quiz dar batalha, nem tal intenção teve, e que, depois de a ganhar, não o acertava a crer.

O primeiro se infere evidentemente, além do que se soube de alguns prisioneiros, da hora que aguardou para mover-se, de retirar a artilheria ao tempo de marchar, e de haver adiantado e empenhado sómente as tropas inglezas, como quem atirava com aquella capa, que quiçá lhe servia de embaraço, e pezo, aos galhos do touro; de maneira que, se os nossos houvessem obrado, como deviam, é indubitavel, que assim por isto, como por sobrevir a noite, retirariam seu exercito a Extremoz, sem perda consideravel: o segundo tambem se conhece, de quem, podendo imaginar que nossa vileza fosse tal, que não nos houvessemos refeito em algum dos muitos postos fortes, que havia, observou, que a minha rectaguarda estava firme nos que occupavamos, sem atrever-se a passar adiante, de sorte que até mais das sete horas do dia seguinte, como elles mesmo confessaram, duvidando do successo, não enviaram um homem á parte da bagagem, que havia ficado por cegueira, que tiveram tempo de sóbra para retirar tudo, para que não houvesse circumstancia, que não mostrasse ser disposição divina, que aquillo succedesse assim, e para acreditar mais a vileza da nossa gente, é de notar, que ella mesmo saqueou a bagagem toda, e do que não se poude retirar, com que o inimigo encontrou só as carruagens e carretas vazias.

Prouvéra a Deus (repito), que houvessemos ficado todos feitos em pedaços na campanha, pois quanto maior é o numero dos que se salvaram, nos cabe a todos maior infamia.

Este, Senhor, é o successo; as circumstancias da minha dôr sómente se podem escrever com pedaços do coração. Não estranho a perda de uma batalha, porque Deus, que é senhor d'ellas, concede as victorias, a quem é servido, e é mister conformarmo-nos com a sua vontade; o que me tem chegado á alma, é fazer a ultima experiencia da vileza de nossa nação, e da infamia com que se portára o geral d'ella, descredito que não se riscará jámais da memoria dos tempos, e aguardando para outra occasião o falar a V. M. sobre isto e quam arruinado vejo seu real serviço n'esta parte, direi sómente a V. M., que minha resolução fixa é, de vingar esta bofetada tão offensiva e dolorosa com o que houver, e tendo reunido e refrescado as tropas em 8 ou 10 dias, voltarei a buscar o inimigo, pois a inferioridade do numero, que temos agora em relação a elle, nada importa, se os que somos fizermos o que devemos, no qual caso será o successo nosso e, se tornarem a reincidir na deshonra passada, não farão falta a V. M. homens taes. Em quanto á minha pessoa reservo-me para falar a V. M. até o exito d'esta nova tentativa.

Amanhã marcho para Badajoz, d'onde darei conta a V. M. do que se offerecer e entretanto supplico a V. M. que, em vista da necessidade, nos envie logo, logo, alguma infanteria e armas, que é urgente remediar a grande falta que temos d'ellas.»

(Continúa) *Zephyrino Brandão.*

# RESENHA NOTICIOSA

Restabelecimento. Reassumiu a parte que lhe compete na direcção do nosso periodico, o nosso collega e amigo o sr. Brito Rebello, que, primeiro, em virtude de ausencia por motivo de serviço publico, e depois por incommodo de saude de certa gravidade, não tinha podido tomar parte nos nossos trabalhos desde o principio de janeiro.

Animal monstruoso. Referem alguns periodicos que o agente diplomatico brazileiro, na Bolivia, enviou ao seu governo varias photographias de um animal extraordinario que pelas suas circumstancias e caracteres, nos transporta á epocha do mastodonte, do ictyosaurus, etc. É um sanrio, isto é, pertence á mesma ordem de reptis, a que pertence o crocodilo, e o lagarto, que é o seu verdadeiro typo. O animal foi encontrado no rio Bini, e apanhado depois de lhe terem sido atiradas 36 balas. Mede 12 metros desde a cabeça até a cauda, que é um pouco achatada. Além da cabeça principal, tem no logar correspondente aos hombros duas outras cabeças, perfeitamente formadas, e collocadas a par, e todas tres se assimilham ás de um cão. As quatro patas, são curtas e robustas, e terminam em garras fortissimas. As pernas, ventre e pescoço são cobertas de escamas rijissimas, formando no dorso uma dupla couraça impenetravel. O pescoço é muito comprido e o ventre proeminente. As indicações são curiosas, e se não é um *palão*, como nos vem muitos da America, os naturalistas tem a examinar se se trata de um monstro, ou de um individuo de uma especie rara, ou quasi extincta. Segundo as mesmas noticias o presidente da Bolivia, mandou recolher o esqueleto do animal ao museu nacional.

Camoneana. Vendeu-se no Porto para Lisboa a collecção Camoneana do Visconde de Macedo Pinto, por 900$000 réis.

Monumento funebre a Camões. Para guardar dignamente os restos do immortal poeta, imaginou o talentoso esculptor sr. Alberto Nunes um mausoleu apropriado a uma das capellas do convento dos Jeronymos, de que fez um projecto que tivemos occasião de ver, no seu *atelier* do largo do Quintella. O projecto é bem concebido e honra o seu auctor. Pena é, porém, se não fôr posto em pratica, para honra do poeta e gloria do artista. Depois das diligencias que se fizeram para encontrar os restos do grande poeta que cantou as glorias de Portugal e immortalisou a lingua portugueza, resta dar sepultura condigna aos seus ossos, e para isso ahi está o projecto do sr. Alberto Nunes, que sendo uma concepção grandiosa na fórma, é modesta no custo. Póde-se fazer por 5.000$000. Não appellaremos para o estado, appellemos antes para uma subscripção nacional e sobre tudo para as damas portuguezas, para quem o poeta não foi avaro de galanterias. O patriotismo das portuguezas nunca foi desmentido, podia mais uma vez ser confirmado, concorrendo para a erecção d'este monumento ao cantor das glorias patrias e ao apaixonado amante de D. Catharina de Athayde.

Locomotiva gigante. A companhia do caminho de ferro de Lehig-Valley, está construindo uma locomotiva extraordinaria, que terá oito pares

de rodas, oitenta toneladas de peso, com a força de cento e cincoenta cavallos, e que se affirma poderá percorrer de cento e vinte a cento e trinta kilometros por hora.

Americano-mechanico. Ensaiou-se, ha pouco tempo em Inglaterra um systema de americanos, movidos mechanicamente pela acção de um cabo, que actua por effeito de uma machina de vapor, collocada em cada extremo da via, que tem uma milha de extensão, e é percorrida pela carruagem em dez minutos.

Novo revestimento isolador para os fios telegraphicos. O sr. Wiedmann, acaba de descobrir uma materia inoxidavel e isoladora, para revestir os fios telegraphicos, ou telephonicos, quer sejam de ferro, cobre ou latão. Esta materia é simplesmente o peroxido de chumbo ou de ferro. Já se está começando na Inglaterra a preparação em grande escala d'este novo producto sobre os alambres destinados a transmittir a energia electrica.

A Russia e a Inglaterra. Ha mais de vinte annos que os russos proseguem na Asia uma marcha progressiva e absorvente do norte para o sul, avassalando de diversos modos quasi todos os povos que demoram entre a Siberia e a linha formada pelas fronteiras da China e a enorme serra que divide a Asia quasi em duas partes. Para a parte occidental jaz ainda a Persia e o Afghanistan, muito cubiçado por ella, e que fórma como que um marco entre as possessões d'aquella nação e as inglezas da India. Movimentos dos postos avançados russos fizeram suspeitar que aquella nação, aproveitando-se das difficuldades presentes da Inglaterra, quereria lançar as garras ao Afghanistan. A Inglaterra tomou providencias, trocaram-se notas e conversas diplomaticas e as seguranças dadas pela Russia, parece serem tranquillisadoras. Comtudo como a diplomacia é a arte de cada um enganar os outros o melhor que póde, não será de espantar que de um momento para o outro rebente a guerra; para isso basta a mais simples imprudencia, e por isso a Inglaterra vae tomando precauções: *si vis pacem para bellam.*

Arma Guedes. O sr. Castro Guedes official do exercito inventou uma nova arma para infanteria, que leva grandes vantagens ás que até hoje são conhecidas. Assim o confirmaram as ultimas experiencias feitas no campo de Vendas Novas. A arma Guedes é de uma grande simplicidade de machinismo, na culatra e na fecharia, onde tem apenas uma mola, o que não impede de ser muito solida. Pesa 4,1 kilogrammas no que é inferior as outras. O seu alcance chega a 2:115 metros, com a velocidade inicial de 481 a 485 metros, conforme a polvora que se empregar fôr ingleza ou portugueza O extractor do cartuxo funcciona perfeitamente, não falhando em um unico tiro.

Estados-Unidos. Tomou posse da presidencia da republica, no dia 4 do corrente, o sr. Stephen Grover Cleveland, novo presidente eleito, em 4 de dezembro do anno passado, e de que o Occidente se occupou, no n.º 216 de 21 d'aquelle mez, publicando o retrato e biographia. O novo presidente instalou-se na Casa Branca, e ahi fez o seu discurso inaugural, prestando depois o juramento do estylo, no Capitolio, onde foi conduzido processionalmente, com grande acompanhamento de povo. O discurso do sr. Cleveland versou sobre a necessidade de fazer prosperar a nação, referindo-se á reforma do serviço civil e da administração da Republica, e aos meios de garantir ao trabalho uma remuneração equilativa e permanente. O novo ministerio é composto de homens eminentes pela sua illustração e respeitabilidade, e parece que uma das primeiras medidas administrativas que vão tomar, é a suspensão da cunhagem da prata, afim de evitar uma crise economica que muitos receiam.

Egreja de Nossa Senhora do Carmo, em Faro (Segundo uma photographia)

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes. O n.º 8 da 1.ª série, comprehendendo: *Sonvenirs d'Afrique*, pelo sr. José Miguel dos Santos e outros artigos de varios socios.

Bulletin de la société académique franco-hispano portugaise de Toulouse, tomo v, 1884, n.º 3. Comprehende este numero *l'Espagne à l'exposition internationalle de Nice*, pelo sr. Emilio Hébrard, largo artigo, assaz noticioso e cheio de observações interessantes.

A Hespanha. É este o titulo de uma publicação illustrada, dirigida por Xavier da Cunha, dedicada pelo seu editor, David Corazzi, á Associação dos Escriptores e Artistas Hespanhoes de Madrid, e offerecida á Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, para o producto total da venda reverter a favor das victimas sobreviventes aos terramotos de Andaluzia. Esta publicação primorosa era vendida na Kermesse do Passeio da Estrella, onde o publico a acolheu com agrado.

Archivo dos Açores, publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Volume sexto, n.º xxxi — 1884. Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, Typographia do *Archivo dos Açores*. É este o primeiro fasciculo da interessante e importante publicação, que tantas vezes temos mencionado, formada principalmente por documentos pela maior parte ineditos, ou extrahidos de obras raras ou difficeis de consultar. Como se vê a publicação continua com todo o vigor, graças ao seu animoso e intelligente director, o sr. dr. Ernesto do Canto, e aos seus activos e dedicados collaboradores.

Revista de estudos livres, *directores litterario-scientificos, em Portugal:* drs. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; *no Brazil*, drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero. — N.ºs 10 e 11 relativos a dezembro de 1884 e janeiro de 1885. Comprehendem: *Historia da pedagogia em Portugal*, pelo sr. Theophilo Braga; *A concepção de Deus*, por Argymiro Galvão; *Roma e a Italia*, pelo sr. Oliveira Martins; *O caçador de Santa Barbara* (episodio militar), pelo sr. F. Sá Chaves; *A exposição agricola de Lisboa em 1884*, pelo sr. Filippe de Figueiredo; *Questão litteraria, O ensino da historia nos lyceus e o sr. Consiglieri Pedroso*, por Teixeira Bastos e José de Sousa (é uma analyse critica ao *Manual de historia universal* do referido professor, pelo sr. Teixeira Bastos, e o resumo das respostas do sr. Consiglieri pelo sr. José de Sousa, esta polemica fôra tratada no *Seculo* e *Era Nova*). *Bibliographia.* — O n.º 11 contém a continuação da *Historia da pedagogia em Portugal*, do sr. Theophilo Braga; da *Concepção de Deus*, pelo sr. Argymiro Galvão; *Dialectos estremenhos*, por J. Leite de Vasconcellos; *Ultimos romanticos: Camillo Castello Branco*, pelo sr. Reis Damaso; *Historia dos Pullos ou Fullos* (primeiro ensaio historico sobre os habitantes da Africa central), por Carlos de Mello; *Necrologia: Ernesto Pires*, pelo sr. Leite de Vasconcellos.

---

Transcrevemos em seguida o recibo do digno thesoureiro da Associação dos Jornalistas, da offerta que a Empreza do Occidente fez á referida associação, de 1:000 exemplares de uma edição extraordinaria do Occidente para ser vendida na Kermesse do passeio da Estrella, e mais da quantia de 1:000 réis que um nosso assignante nos enviou com destino ás victimas sobreviventes aos terramotos de Andaluzia.

A Direcção.

Recebi do Ex.mo Sr. Caetano Alberto da Silva, dignissimo proprietario do Occidente, mil exemplares d'este jornal, edição extraordinaria, para serem vendidos na Kermesse do passeio da Estrella, promovida por esta associação em favor das victimas sobreviventes dos terremotos da Andaluzia.

Recebi mais a quantia de mil réis, provenientes de offerta de um assignante d'aquella illustração, que serão juntos ao producto da Kermesse.

Lisboa, 26 de fevereiro de 1885.

O thesoureiro
*José Miguel dos Santos.*

---



Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.